



ÀS VOLTAS COM O FUTURO: MINHAS INCURSÕES NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.

Lino Castellani Filho¹

“Meu mundo é hoje. Eu não vivo no passado; O passado vive em mim”.
(Paulino da Viola, “Meu Mundo é hoje”).

RESUMO

Este Ensaio, construído em momento ímpar na história atual do mundo contemporâneo, onde incertezas sobre nosso presente e futuro prevalecem às análises mais otimistas sobre eles, traz reflexões acerca da Educação Física Escolar brasileira a partir das incursões no tema realizadas pelo autor ao longo de sua trajetória profissional, alicerçada em mais de quatro décadas de atuação. Em cenário de pandemia sanitária mundial motivada pelo Covid-19, e pandemônio nacional causado por desastrosas ações políticas do governo federal de nosso país, motivadoras de instabilidade de nossas instituições republicanas, coloca em evidência a política educacional e, nela, a perspectiva que redundou caber à EF Escolar ao longo do tempo passado e presente, deixando em perspectiva seu lugar em futuro próximo.

Palavras-chave: Política Educacional; Educação; Educação Física Escolar.

DEALING WITH THE FUTURE: MY INCURSIONS IN PHYSICAL EDUCATION AT SCHOOL.

RESUME

Written at a unique moment in contemporary world history where uncertainties about our present and future prevail over the most optimistic analyses of them, this essay brings reflections on Physical Education at School in Brazil based on the author's own incursions on this topic for over forty years of professional experience. In a scenario of Covid-19 pandemic and national pandemonium caused by the Brazilian federal government's disastrous actions leading our republican institutions into instability, this essay brings educational policies into focus with an emphasis on the perspective given to Physical Education at School over the past and in the present, leaving its place in the near future in perspective.

Key words: Education Policy; Education; Physical Education at School.

LAS VUELTAS CON EL FUTURO: MIS INCURSIONES EN LA EDUCACIÓN FÍSICA ESCOLAR.

RESUMEN

¹ Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, e Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP; Professor Livre-Docente (aposentado) da Faculdade de Educação Física da Unicamp; Professor-Visitante da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília, FEF/UnB, nos biênios 2012/13 e 2016/17; Secretário Nacional de Desenvolvimento do Esporte e do Lazer, junto ao Ministério do Esporte, de janeiro de 2003 a abril de 2006; Presidente do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, CBCE, nas gestões 1999/2001 e 2001/2002; Presidente da Associação de Docentes da Unicamp – Adunicamp - 1996/98. Membro Efetivo do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte – CBCE, e integrante do Conselho Científico Extraordinário do seu Grupo de Trabalho Temático de Políticas Públicas; Membro Efetivo da Red Latinoamericana y Caribeña de Deporte Social para la Inclusión. E-mail: <lino.castellani@uol.com.br>. ORCID ID.: <http://orcid.org/0000-0003-1022-3489>



Este ensaio, construído em um momento único da história atual do mundo contemporâneo, onde as incertidumbres sobre nosso presente e futuro prevalecem a los análisis más optimistas sobre ellos, trae reflexiones sobre la Educación Física Escolar Brasileña desde las incursiones en el tema realizado por el autor a lo largo de su trayectoria profesional, basado en más de cuatro décadas de actividad. En un escenario de pandemia global motivado por Covid-19, y pandemio nacional causado por acciones políticas desastrosas del gobierno federal de nuestro país, motivando la inestabilidad de nuestras instituciones destaca la política educativa y, en ella, la perspectiva que ha dado lugar a la EF escolar a lo largo del tiempo pasado y presente, dejando en perspectiva su lugar en un futuro próximo.

Palavras-clave: Política Educativa; Educación; Educación Física Escolar.

Vivemos tempos de Pandemia. No momento em que escrevo essas linhas, o Covid-19 já disse a que veio na Europa. Por aqui, os esforços de (quase) todos caminham na direção de mitigar seus possíveis e dantescos efeitos, a partir de ações no campo da saúde pública coordenadas pelo Ministério da Saúde – fiel, “pero no mucho”, às orientações emanadas da OMS - e seus congêneres nos Estados e Municípios brasileiros, tendo governadores e prefeitos como protagonistas na execução das medidas recomendadas...

Mas longe estamos de encarar esse desafio – sem dúvida, o maior (até agora) deste século – com a serenidade que poderíamos ter se tivéssemos no Governo Federal, equipe a altura da responsabilidade exigida aos que se propõem a governar um país com a envergadura do nosso.

Sim. Jair Messias Bolsonaro, presidente eleito em 2018 em conjuntura resultante de golpe ao Estado Democrático de Direito brasileiro, vem dando mostras inequívocas de se pautar por valores ético-políticos caros ao espectro da extrema-direita mundial e nacional. Se não bastasse, suas evidenciadas limitações intelectuais, seu atestado despreparo, e sua insana e irresponsável condução das questões afetas ao cargo de presidente do país, vem fazendo com que se configure como o maior opositor de seu próprio governo².

A instabilidade política que paira sobre o país como nuvem agourenta, nos permite afirmar estarmos também vivendo, ao lado da pandemia mencionada, um pandemônio sócio-político a contagiar todo o território brasileiro³.

² Abundam informações comprobatórias do que aqui menciono, a tal ponto que ficaria exaustivo reproduzi-las neste espaço. Sugiro simples consulta aos meios de comunicação, expressos ou virtuais, dotados de credibilidade, para checar o afirmado no texto. Por ora, indico o editorial da FSP de 21/04/2020, pela sua capacidade de síntese: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2020/04/golpista-que-mia.shtml>

³ Notícias de 06/04/2020 apontam para uma ação coordenada pelos militares, que estaria resultando no “afastamento de fato” de Jair Messias Bolsonaro, de suas funções de presidente do país. A esse respeito acessem os seguintes links: <https://jornalggn.com.br/a-grande-criese-depositao-branca-silencio-da-midia-e-ameaca-ao-partido-dos-trabalhadores-por-roberto-bueno/>. <https://urbsmagna.com/quatro-generais-comandam-o-brasil-mas-bolsonaro-fica-para-divertir-os-bolsominions/>. <https://revistaforum.com.br/politica/por-pressao-do-exercito-braga-netto-atua-como-presidente-no-lugar-de-bolsonaro/>. Embora não confirmada nos dias que se

A Política Educacional

Neste cenário de cores apocalípticas borrando nosso céu em toda sua amplitude, nos deparamos com política educacional desastrosa aos olhos de quem pleiteia uma educação pública de qualidade socialmente referenciada.

Passados quase 16 meses do início desta gestão governamental, não restam dúvidas – se é que um dia elas vieram a existir – de que as ações implantadas no campo educacional são herdeiras do “patrimônio” construído a partir da articulação do golpe ao Estado Democrático de Direito brasileiro.

Já tivemos oportunidade, em várias ocasiões, de nos estendermos no assunto relativo à configuração da política educacional brasileira no período pós-redemocratização⁴. Mais recentemente, com os olhos voltados para o período inaugurado com as manifestações de 2013 e que redundaram na eleição de Bolsonaro em 2018, nos reportamos a ela em diversas situações. Delas, uma que mais foi de nosso agrado, faz parte do prefácio do livro intitulado Educação Física Escolar no Ensino Médio: A prática pedagógica em evidência. Ei-la:

“Escrevo essas linhas menos de 48 horas após as eleições majoritárias para presidência do Brasil e os legislativos estaduais e federal.

Não consegui fazê-lo nos momentos que antecederam o pleito, por conta da expectativa do que as urnas diriam a nós no domingo, 07 de outubro. Agora, com os resultados em mãos, tenho meu peito apertado por sentimentos angustiantes diante do risco que aflige o Estado Democrático de Direito de nosso país.

Não que viéssemos vivendo na plenitude dele, muito pelo contrário. Como é sabido, desde a primeira hora após a divulgação dos resultados do pleito eleitoral de 2014, a intenção de não respeitar os resultados das urnas foi tornada pública, ganhando materialidade com o impeachment da presidenta Dilma, em 2016, e a confirmação de Michel Temer em seu lugar na vaga aberta, a fórceps, no Congresso Nacional, com o beneplácito do Judiciário.

O Golpe ao Estado Democrático de Direito brasileiro, de contornos judiciário, legislativo e midiático, nos conduziu a uma quebra da credibilidade nas instituições brasileiras responsáveis pela ascensão, no imaginário político dos brasileiros e das brasileiras, de um novo “salvador da pátria” que, hoje, tendo obtido expressiva votação no pleito em questão, nos assombra com posturas e propostas de índole fascista.

A Democracia brasileira está em risco.

seguiram à publicação das reportagens, é fato – e sentida – a incapacidade demonstrada pelo governo federal, de dar respostas às questões que se apresentam nestes turbulentos dias.

⁴ Fiz isso de forma mais rigorosa em minha tese de doutorado defendida em 1999 junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Unicamp, intitulada “A Educação Física no Sistema Educacional Brasileiro: Percurso, paradoxos e perspectivas”.

Não atribuo à corrupção a causa do que hoje vivemos, e sim ao uso que dela fazem aqueles que, de tempos em tempos, buscam aplicar golpe à nossa frágil, imatura e combalida democracia.

Foi assim em 1954, quando os mesmos de hoje quiseram derrubar Getúlio Vargas do poder. O motivo, segundo eles? Corrupção. O trágico ato praticado por Getúlio (seu suicídio) adiou por uma década esse intento.

Em 1964 buscaram - e conseguiram - derrubar Jango Goulart. O motivo propalado para justificativa do Golpe? Corrupção. Tal Golpe nos levou a 25 anos de Ditadura civil-militar.

Para retomarmos o Estado Democrático de Direito tivemos que ceder anéis e dedos. Na primeira eleição para presidente do país pós-ditadura, nos enfiaram goela abaixo, Collor de Mello. Seu impedimento ocorreu em 1991 sob a alegação de... Corrupção.

Sim, quanto a ele a corrupção foi provada. Mas o movimento pelo seu impeachment foi, de fato, motivado pelo seu desprezo ao legislativo e aos interesses da burguesia industrial brasileira, à época.

O PT, com Lula, depois de três tentativas frustradas, vence as eleições de 2002, e pela primeira vez consegue em seus mandatos retirar o Brasil do "Mapa da Fome" mundial e diminuir a distância dos mais ricos dos mais pobres. Isso fazendo concessões imensas às burguesias industrial e financeira.

Mas o país da "Casa Grande e Senzala" não viu com bons olhos a ascensão das frações C e D da classe média brasileira tendo acesso àquilo que, para eles, só a eles pertencia.

E gestou o Golpe sob o argumento do combate à... Corrupção. E aqui estamos.

A corrupção existe e é elemento sistêmico do ordenamento societário sob o qual vivemos. Combatê-la sem combater esse modelo societário é como "enxugar gelo". Extirpá-la passa necessariamente pelo processo de maturação e fortalecimento da democracia e da própria superação do modelo político e econômico vigente.

Sabemos disso. Mas nossa Democracia se mostrou frágil demais para se contrapor ao complô judiciário/legislativo e midiático montado para destruir uma das mais eloquentes experiências de diminuição da imoral desigualdade social que nos assola.

Mas não só a nós, e sim a toda Latinoamérica, a do Sul em particular.

Vivemos um novo ciclo de intenção de subordinação da América Latina à órbita primeiro mundista capitaneada pelos interesses norteamericanos, receosos de nos ver articulando e articulados ao BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul).

É essa geopolítica, que nos quer parte integrante do capitalismo periférico e automaticamente alinhado ao primeiro mundo, que está por detrás do que aqui se passa.

Nesse cenário, a Educação tem papel estratégico.

Somos testemunhas dos ataques que avassalam a Educação Pública.

Sim. O desmonte da Educação brasileira está a pleno vapor. Não de agora, é certo, pois sinais evidentes do que hoje presenciamos já se faziam presentes na "Conferência Mundial de Educação Para Todos" realizada em Jomtien, Tailândia, em 1990, repercutida em terras tupiniquins por ocasião do governo FHC, em 1994, quando da realização da "Conferência Nacional de Educação Para Todos", ocasião em que ratifica compromisso de seu governo com os termos da "Declaração de Jomtien".

O certo é que foi interrompido no processo eleitoral de 2002.

Todavia, mais recentemente, o documento “Pátria Educadora”, da lavra de Mangabeira Unger, por dentro da Secretária de Assuntos Estratégicos (SAE) do Governo Federal, em 2015 - já nos momentos de execução do Golpe ao Estado Democrático de Direito brasileiro por conta do fim do pacto com a burguesia nacional, financeira e industrial -, discrimina pormenorizadamente o que viria a seguir no campo da Política Educacional.

A (contra) reforma do Ensino Médio, a Base Nacional Comum Curricular, a proposta governamental de formação e avaliação do professor, embaladas na lógica da mercantilização da educação, seja visando seu “empresariamento”, colocando-a ainda mais a serviço de uma formação profissional subalternizada ao mercado e desqualificadora da possibilidade de formação humana compatível com a consciência crítica necessária à autonomia do pensar e do agir, seja na culpabilização do professor pelas mazelas que a afligem, são exemplos fidedignos do que já estava anunciado no documento emanado da SAE.

Tudo nos termos da Emenda Constitucional 95/2016, originada da PEC 241/16, apelidada de “PEC do fim do mundo” e/ou “PEC da maldade”, que engessa investimentos na Educação e Saúde (e não só isso) por um período de 20 anos.

Pois é nesse conturbado contexto, que Comissão Especial da Câmara Federal de Deputados está prestes a votar o PL 867/2015, apensado ao de nº 7180, de 2014, tradutor do malfadado “Escola sem Partido” através do qual, em tempos conservadores, a Câmara quer impor mordada obscurantista aos professores do país, contando com respaldo das forças reacionárias, eleitoras do candidato à presidência apelidado de “coiso” pelos setores sociais que, bravamente, resistem à barbárie.

É certo. A Educação Pública brasileira está sob ataque. E não, ela não está em crise, pois o que está acontecendo com ela é parte de um projeto de sociedade contra o qual nos colocamos... ”⁵.

A nós, não há dúvidas. A Educação Pública está em xeque! O caráter público da Educação está em xeque!

Dentre os estudiosos da Educação que vêm se debruçando na análise dos impactos das medidas estabelecidas, desde então, no campo educacional, o professor da Unicamp, *Luis Carlos de Freitas*, se destaca como referência nos estudos voltados à avaliação educacional e formação de professores. É dele a constatação de que é ilusório pensar que “*as principais ações educacionais, em termos de políticas, estão vindo através do Ministério da Educação*”. Pelo contrário, afirma ser de ministérios adjacentes (Família, no caso da homescholling e Economia, no caso da privatização/vouchers) que elas emanam. São suas as palavras abaixo:

Guedes acaba de anunciar em Davos o início massivo da privatização da educação infantil com um megaprograma de vouchers. A ideia é livrar-se da educação e tratá-la como uma atividade de mercado. E como a crença no

⁵ Daniel Teixeira Maldonado, Valdilene Aline Nogueira e Uirá de Siqueira Farias são os organizadores da coletânea publicada em 2019 pela editora CRV, envolvendo outros 28 professores na construção dos seus 13 capítulos.

livre mercado é uma crença, é fé, a ciência não conta, mesmo estando disponíveis os pífios resultados dos vouchers e das escolas charters.

A ideia é destruir o Estado e com isso a própria escola pública, o que nos levará também à destruição da democracia liberal e ao mais remoto, no qual o Estado assegurava para si a tarefa de expandi-la para as camadas médias da população, para os filhos da classe trabalhadora, não mais a voltando para a educação da elite do país⁶.

Educação Física

Bem... E o componente curricular da Educação Básica, denominado Educação Física (EF), aquele que nos diz mais diretamente respeito e sobre o qual nos propusemos refletir neste artigo, a quantas anda?

Nossa compreensão é de que ela, EF, vai bem.

Esse entendimento, contudo, nos coloca diante do seguinte paradoxo: no exato momento em que ela, EF, se depara com variadas possibilidades de intervenção pedagógica, maior é sua dificuldade de se fazer presente e se afirmar no ambiente escolar.

Em outras palavras, se a EF vê limitada sua presença no processo de formação de nossas crianças e jovens, isso se dá por conta daquilo que a política educacional aponta buscar através da Educação Básica, e não por falta de base teórica que justificasse sua ausência em um modelo educacional voltado à formação do educando.

A primeira vez que trouxemos a público um quadro demonstrativo das teorias pedagógicas existentes no âmbito da EF, foi ainda nos primeiros anos da década de 1990, mais exatamente em 1993⁷. Àquela altura já havíamos tratado dela, EF, em cinco ocasiões, a saber, no artigo *A (des) caracterização profissional-filosófica da Educação Física* (1983), na dissertação de mestrado, depois publicada em livro *Educação Física no Brasil: A História que não se conta* (1988), em trabalho desenvolvido a pedido da *Secretaria de Ensino de Segundo*

⁶ Dermeval Saviani, Maria Luíza Santos Ribeiro, Otaiza Romanelli, Vanilda Paiva, dentre outros, foram e continuam sendo minhas referências centrais nos estudos da História da Educação brasileira. Todos eles localizam na passagem do país do modelo agrário comercial-exportador para o modelo industrial do modo de produção capitalista, quando se faz necessário massificar a educação básica com vistas à capacitação técnica da mão-de-obra fabril, o momento do início da desqualificação da escola pública, à medida que não mais se volta para a educação dos filhos dos detentores dos meios de produção, vale dizer, da burguesia nacional, e sim para os filhos da classe trabalhadora.

⁷ Ao longo do 1º semestre de 1993, a *Fundação de Desenvolvimento da Educação* e a *Secretaria de Educação do Estado de São Paulo*, FDE/SE-SP, desenvolveram o Projeto *Capacitação dos Assistentes de Apoio Pedagógico*. A mim coube coordená-lo na área da *Educação Física*. Naquela ocasião, diante da percepção da ausência de identificação das distintas possibilidades de intervenção pedagógica daquele componente curricular, por parte dos *assistentes de apoio pedagógico* – agentes multiplicadores dos assuntos da área de atuação –, entendi a necessidade de elaborar um quadro sobre o assunto, de modo a tê-lo como suporte didático.

Grau do Ministério da Educação, SESG/MEC (1988), em outro artigo denominado *Pelos Meandros da Educação Física (1993)* e no livro, elaborado em coautoria com outros cinco colegas da área, *Metodologia do ensino de Educação Física (1992)*, conhecido pela alcunha de *Coletivo de Autores*⁸.

De lá para cá, inúmeras foram as ocasiões em que tivemos o quadro como referência para intervenções em eventos de natureza acadêmica onde a EF Escolar era tematizada⁹. Pelo menos em três momentos elas ganharam forma em textos: duas ainda na década de 1990, e outra já na segunda década deste século¹⁰.

No Artigo publicado na Revista de Educação Horizontes¹¹ (2013), detalhamos da seguinte forma o significado do quadro em questão:

É a superação da compreensão da exclusividade da relação paradigmática da EF com o parâmetro da aptidão física, associado à aproximação aos estudos desenvolvidos na Educação, no bojo do processo de redemocratização da sociedade brasileira, que vão propiciar à EF o esboçar de novas possibilidades pedagógicas. A esta altura, estamos trilhando a segunda metade dos anos 1980, ingressando nos anos 1990.

Para efeito de melhor visualização do estado-da-arte presente na EF, desenvolvemos então um quadro no qual situamos as teorias pedagógicas da EF brasileira a partir de sua relação com o estabelecido na realidade concreta, chamando de abordagens àquelas que, ao dialogarem com o presente, não se colocavam de forma a conceberem novas possibilidades pedagógicas, apenas abordando-as, e de concepções as que, ao estabelecerem mediação com a realidade, se propunham a conceber mudanças, não necessariamente comprometidas com o novo. Dentre essas últimas, indo além, as distribuímos em não sistematizadas e sistematizadas, de acordo com a articulação delas com uma determinada compreensão de Metodologia de Ensino, fundada em uma concepção de currículo ampliado.

⁸ O de 1983 foi publicado na Revista Brasileira de Ciências do Esporte, RBCE/CBCE; o de 1988 teve publicação apenas protocolar pela SESG/MEC. Coordenado pela professora Sema Garrido Pimenta e pelos professores José Carlos Libâneo e Carlos Gonçalves, deu vazão, a frente, à coleção sobre Metodologia de Ensino para o Segundo Grau, publicada pela Editora Cortez, coleção essa na qual o livro de 1992 se fez presente; o livro de 1988 foi publicado pela Editora Papirus; o Artigo de 1993 foi também publicado na RBCE.

⁹ Trago essas ocasiões devidamente registradas em meu currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/9594368005634895>

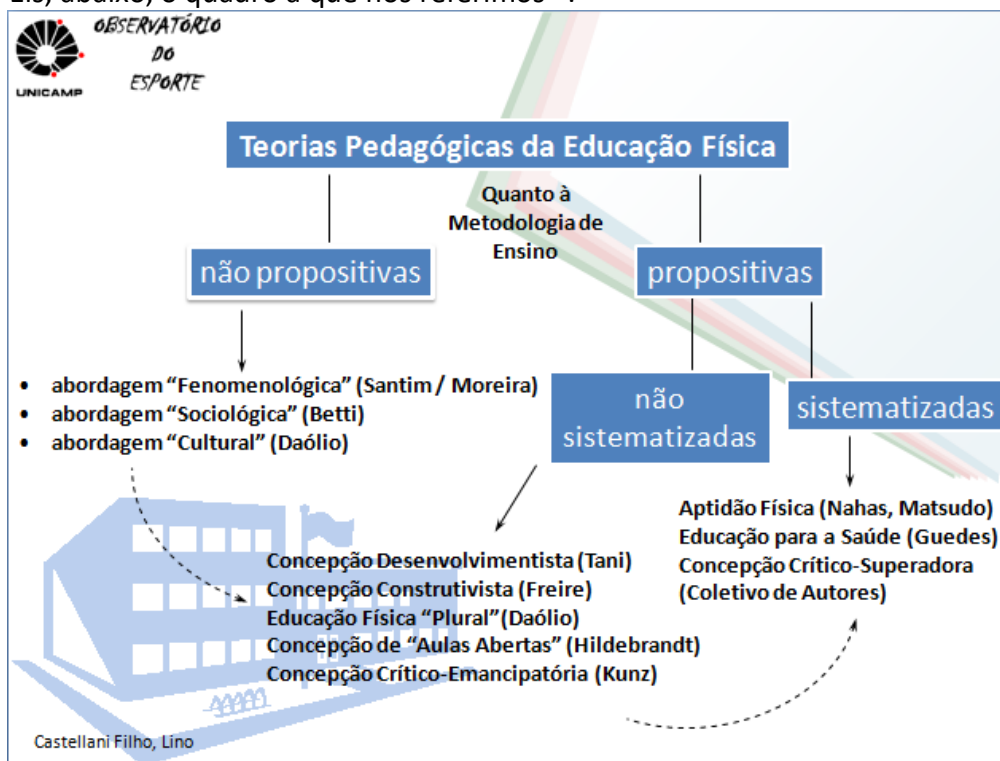
¹⁰ Em 1998, em livro publicado pela editora Autores Associados em sua coleção Polêmicas do Nosso Tempo, intitulado *Política Educacional e Educação Física*; em 1999, na Tese de Doutorado defendida junto ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Unicamp, *A Educação Física no Sistema Educacional Brasileiro: Percursos, Paradoxos e Perspectivas*; e em 2013, na Revista de Educação Horizontes (V.1 nº2), da Universidade Federal da Grande Dourados.

¹¹ *As concepções de Educação Física no Brasil*. Horizontes – Revista de Educação. Dourados, MS, V.1, nº2, 2013, pp. 11-31. O texto é transcrição revista de palestra proferida em evento organizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas “Ephysis”, da Escola de Educação Física e Esporte da USP no ano de 2011. Daí seu tom coloquial.

Tal referencial baliza o trabalho apresentado ao público sob a forma de livro por um Coletivo de Autores, em 1992, sob o título Metodologia de Ensino da Educação Física¹².

(CASTELLANI FILHO, 2013, pp. 24-5, grifos do autor).

Eis, abaixo, o quadro a que nos referimos¹³:



Quadro 1

Fonte: CASTELLANI FILHO (2013, p. 27).

Valendo-nos de linguagem coloquial, seguimos no texto da “Horizontes”, que nos serve de apoio, na explicação do que entendíamos por Metodologia de Ensino à luz da concepção de Currículo Ampliado, presente no “Coletivo de Autores”:

Através dela somos movidos a explicitarmos o projeto de escolarização a partir do qual se deve organizar o projeto pedagógico. À luz deles configura-se uma dinâmica curricular articulada em três eixos, a saber: a) Trato do conhecimento (seleção, organização e sistematização); b) Organização Escolar (definição do Tempo e do Espaço pedagógicos); e c) modelo de gestão escolar (centralizador ou participativo).

Ao pensarmos o Trato do Conhecimento, partimos do pressuposto de não ser todo conhecimento que a EF possui que deve compor seu conteúdo

¹² Obra citada, pp. 24-25. Já o livro *Metodologia do Ensino de Educação Física*, escrito por um coletivo de autores composto por Carmen Lúcia Soares, Celi Zulke Taffarel, Elizabeth Varjal, Micheli Ortega Escobar, Valter Bracht e por mim, após 14 reimpressões da primeira edição, de 1992, teve uma 2ª edição ampliada publicada no ano de 2009. De lá para cá, essa 2ª edição já contou com 5 reimpressões.

¹³ Mudanças de um status para outro, apontadas pelas linhas pontilhadas, no quadro, não remontam a 1993 e sim aos anos 2000. Não vou, neste momento, entrar no mérito delas. Outras mais podem ter ocorrido, mas o que importa destacar aqui é o fato de tanto as abordagens quanto as concepções se fundarem, na sua esmagadora maioria, em referenciais teóricos oriundos do campo das ciências humanas e sociais.

programático, mas sim um determinado conhecimento que tivesse relação com o projeto de escolarização e, por conseguinte, com o projeto pedagógico que a escola pleiteasse desenvolver para dar conta de seu objetivo...

...Temos, num primeiro momento, que fazer a seleção do conhecimento. Qual conhecimento eu incorporo ao projeto curricular, qual eu deixo do lado de fora? ...

Depois de selecionarmos o conhecimento a ser utilizado, precisamos organizá-lo e sistematizá-lo levando em conta a forma como a instituição escolar está organizada. Se estiver trabalhando na Educação Básica, e nela no ensino fundamental, preciso identificar a forma como ele se desenvolve: Séries, Ciclos, em oito ou nove anos... Isso para buscar organizar esse conhecimento obedecendo à lógica da organização dessa escola, da forma como a escola se prepara para dar conta de seu objetivo.

Depois que eu organizo, levando em conta a forma como a instituição está organizada, passo a sistematizar o conhecimento levando em conta a presença dele no tempo de escolarização do educando...

A EF não fazia assim, e não o fazia porque não tinha que se preocupar com o trato do conhecimento, porque seu objetivo na escola era melhorar a aptidão física do aluno... E para melhorar a aptidão física, nós professores precisávamos dominar um determinado conhecimento, mas não tínhamos a obrigação e intenção de transmitir esse conhecimento para o aluno. Nosso compromisso para com ele era a de melhorar seu quadro de aptidão física... Para tanto ele teria que correr e se exercitar dentro de referências que nós, professores, estabelecíamos. A partir dessa leitura apreende-se com facilidade o sentido da configuração da EF escolar sob a forma de Atividade— e não Disciplina — curricular¹⁴.

No eixo da organização escolar também não precisávamos nos preocupar com o tempo pedagógico necessário para a EF, já que ele se apresentava normatizado em texto legal (Decreto 69450/71). Isso porque para melhorar a aptidão física do educando seria necessário – conforme parâmetros estabelecidos pela fisiologia do exercício — três sessões semanais de cinquenta minutos de duração, intercaladas uma da outra em turmas não mistas...

Assimilamos então o fato de que a EF deveria acontecer três vezes por semana, e por ser norma, não a questionávamos... No momento em que nos abrimos a outras possibilidades pedagógicas que não a de buscar a melhoria da aptidão física do aluno, nos percebemos diante da imperiosidade de perguntarmos qual o tempo pedagógico que a EF precisaria para dar conta de tratar o conhecimento da forma como ele precisaria ser tratado para que ela pudesse, de fato, integrar-se ao projeto pedagógico da escola... E como se daria essa integração? Ora, colaborando na configuração do projeto de escolarização dessa escola...

Quando falamos em tempo pedagógico, à medida que não mais objetivamos a melhoria da aptidão física do educando, e dependendo do que teremos como escopo educativo, poderemos entender necessário, para

¹⁴ A *Matéria curricular*, a princípio, se faz presente na Escola sem possuir forma definida. Ao defini-la, ela ganha a configuração de Atividade ou Disciplina curriculares. A matéria curricular sob a forma de atividade se apresenta destituída da necessidade de ser *pensada, refletida, teorizada*. Seria o *fazer pelo fazer*. Já a Disciplina seria a matéria curricular expressa sob a forma de conhecimento a ser tratado e transmitido aos estudantes, de forma a ser por eles apreendido. A EF, à medida que tinha como razão de se fazer presente na Escola, a *melhoria da aptidão física* do educando (Decreto nº. 69450/71), se objetivava sob a forma de... Atividade curricular.

viabilizá-lo, quantidade distinta de aula semanal. Em síntese é o projeto pedagógico que vai nos dizer de quanto tempo iremos precisar...

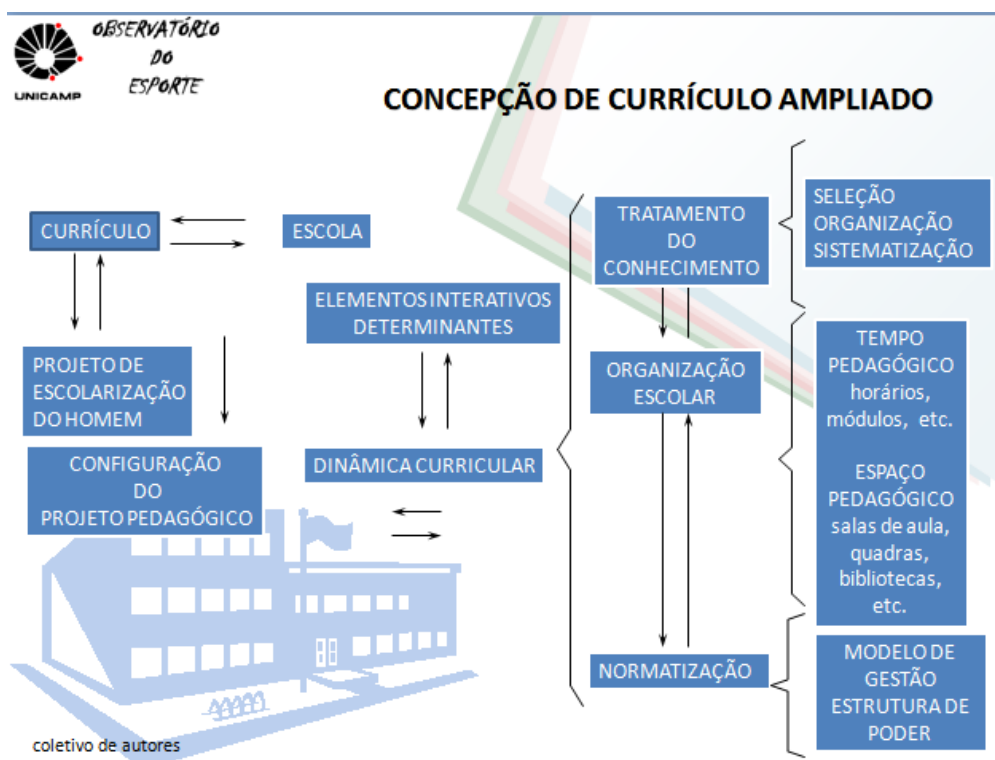
E vai sinalizar também, para nós, de que espaço pedagógico precisaremos. Ora, no momento que tínhamos como objetivo a melhora da aptidão física, o espaço pedagógico que precisávamos era justamente aquele que nos permitisse fazer nossos alunos se movimentarem, correrem... Porque era através da movimentação corporal que a aptidão física poderia ser desenvolvida. No momento em que passamos a ter outro objetivo que não esse exaustivamente mencionado, nos abrimos a pensar em outro tipo de espaço pedagógico. Uma sala de aula “teórica”, por exemplo.

Quando temos a intenção de levar nossos alunos a refletirem acerca das experiências de práticas corporais por eles vivenciadas em outro momento da aula, fazê-lo em ambiente protegido do barulho externo possibilita e facilita a concentração, ampliando o aproveitamento daquele momento pedagógico...

Por fim, o modelo de gestão escolar. A forma adotada de gestão da Escola, se não determina, delimita o lugar dos que compõem a comunidade escolar a coadjuvantes ou protagonistas do que acontece naquele espaço educacional.

Quanto mais sujeito de sua história o aluno (e não só ele) for, maior a possibilidade de construirmos com ele a compreensão daquilo que nos diz respeito especificamente: A EF e a dimensão da cultura humana que nós estamos chamando aqui de Cultura Corporal.¹⁵

Eis o quadro exemplificativo do dito acima¹⁶:



Quadro 2

Fonte: CASTELLANI FILHO (2013, pp. 25-26).

¹⁵ Obra citada, pp. 25-26. O entendimento presente nessas linhas está substanciado no livro de Metodologia do Ensino de Educação Física, elaborado por coletivo de autores, já mencionado.

¹⁶ Obra citada, p. 27. O quadro é de minha responsabilidade.

Importante dizer que nossa aproximação ao referencial teórico balizador do entendimento de Metodologia de Ensino¹⁷ acima descrito, tem sua raiz nos estudos de Dermeval Saviani acerca da Concepção Histórico-Crítica de Educação.. Com efeito, tivemos, em 1983/84, oportunidade de tê-lo como professor. Na ocasião, desenvolvíamos estudos de mestrado em Filosofia e História da Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, sob orientação acadêmica da Professora Maria Luíza Santos Ribeiro.

A esse momento assim nos reportamos no texto que vem nos servindo de apoio para a consecução deste Ensaio:

... Pois foi justamente a partir dos anos 1980 que, ao nos desvencilharmos das *cadeias* estabelecidas pelas *instituições médica, militar e esportiva*¹⁸ — que impunham à EF seus valores, estabelecendo-os como parâmetros da prática pedagógica por ela desenvolvida — que se abre a possibilidade de outras formas de intervenção pedagógica, vinculadas a outras maneiras de se dar concretude à existência da EF.

E a partir da segunda metade daquela década, desencadeia-se um movimento de *anunciar* o novo... Porque, vejam que interessante: na primeira metade daqueles anos estávamos vivendo a euforia da redemocratização. Era o momento de saber sob quais premissas a EF tinha se estabelecido. Nele se desencadeou momentos de desmascaramento dos compromissos político/sociais aos quais sua intervenção estava comprometida...

Só que esse movimento de *denúncia* chega a um ponto que passa a dar sinais de esgotamento, desencadeando, simultaneamente a ele, outro de índole *anunciador* de novas possibilidades de ser...

E na busca do anunciar essas outras configurações de intervenção — e a intervenção que se tinha era pedagógica — inaugura-se a oportunidade de organização de novas teorias pedagógicas para além daquela hegemonicamente presente — vinculada à melhoria da aptidão física do educando e ao aprimoramento da aptidão física da população brasileira —, dentre as quais o da *reflexão sobre a Cultura Corporal do homem e da mulher brasileiros*.

Fundamental para esse movimento foi a interlocução estabelecida com a Educação por parte de setores da EF que, ao buscar qualificação acadêmica com aportes epistemológicos das ciências humanas e sociais, nela identifica um fértil espaço de reflexão crítica, ausente da formatação da área acadêmica EF, a qual se estrutura fortemente influenciada pela sua umbilical relação com as ciências biológicas.

¹⁷ Aqui faço menção à minha apropriação. Os demais autores da obra são signatários da importância dos estudos de Dermeval Saviani para a configuração da proposta denominada Crítico-Superadora. Contudo, os caminhos de acesso à Concepção Histórico-Crítica, que a inspira, não foram, necessariamente, os mesmos.

¹⁸ Valter Bracht, em texto denominado *Educação Física; A busca de Autonomia Pedagógica*, publicado ao final da década de 1980, 1989 exatamente, foi quem se valeu, pela primeira vez, da figura de linguagem *cadeia*. Dela me apropriei e utilizei no texto *Pelos Meandros da Educação Física*, publicado em 1993, na RBCE.

A aproximação e subsequente participação nos debates presentes no âmbito da Educação levaram-nos a pensar sobre as influências que as diferentes concepções de Filosofia da Educação tiveram e continuavam tendo sobre a EF. Em outras palavras, passamos a buscar respostas à seguinte pergunta: *Qual a concepção de Filosofia da Educação que norteia, de maneira predominante, as ações no campo da Educação Física no Brasil?* Para essa busca, nos valem fundamentalmente de Dermeval Saviani...¹⁹.

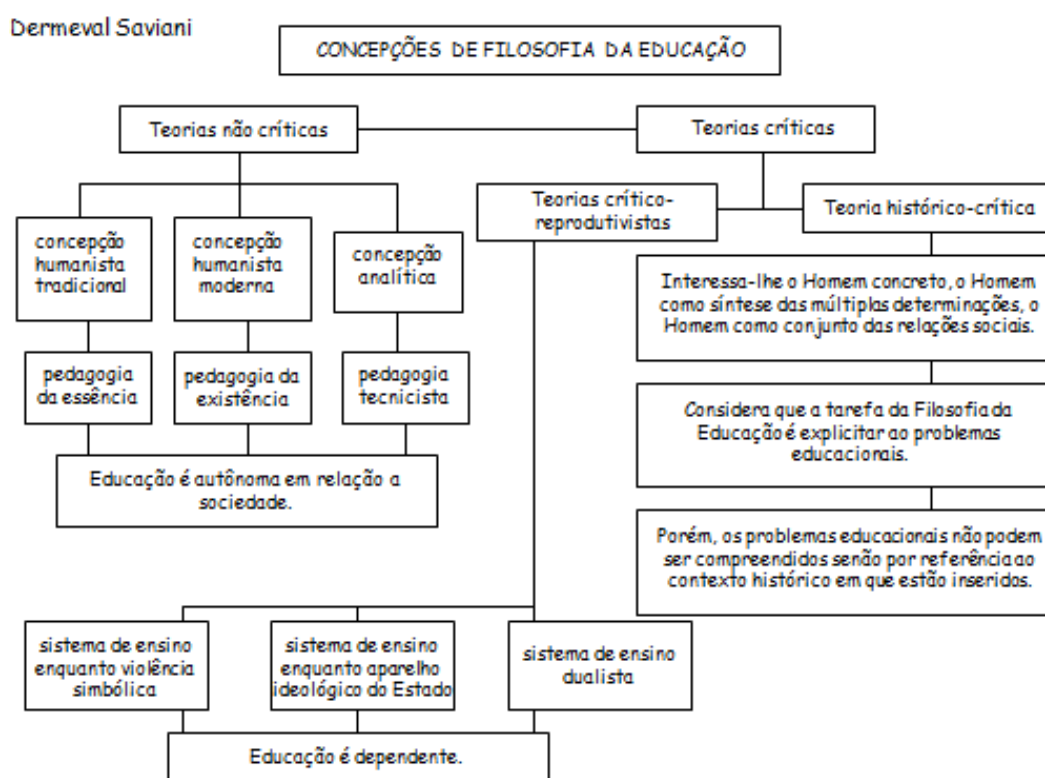
Com efeito, Dermeval Saviani ao tratar das Concepções de Filosofia da Educação, classifica-as dentro de duas linhas mestras:

1) *Teorias Não críticas (Humanista Tradicional; Humanista Moderna; e Analítica);*

2) *Teorias Críticas (Crítico-Reprodutivistas [Sistema de Ensino (SE) Dualista; SE enqto. Violência Simbólica; SE enqto. Aparelho ideológico do Estado] e Histórico-Críticas)...*

(CASTELLANI FILHO, 2013, pp. 16-17).

Não há espaço, neste Ensaio, para o detalhamento de cada uma delas²⁰. Fiquemos tão somente com quadro desenvolvido por nós naquela ocasião, com a mesma finalidade dos demais aqui mostrados, qual seja o de buscar facilitar a compreensão de algo que, naquele momento, nos era de grande complexidade:



Quadro 3
(CASTELLANI FILHO, 2013, P. 21).

¹⁹As citações a seguir reportam-se a Dermeval Saviani, no seu livro **Escola e Democracia** (Cortez Editora/ Autores Associados) e no por ele organizado, *Filosofia da Educação brasileira*, (Civilização brasileira), ambos de 1983.

²⁰ Além das referências mencionadas na nota acima, há desenvolvido no texto da Revista de Educação *Horizontes*, meu entendimento sobre o encadeamento do processo da passagem de uma concepção a outra.

Sim. Nossa apropriação da teoria social marxista se deu, a princípio através da intermediação dos estudos no campo da Educação. Estudos orientados da literatura marxiana e marxista vieram a posteriori²¹. Foram eles que nos levaram, na primeira metade dos anos 1980, à nossa primeira estruturação de pensamento acerca das tendências da EF brasileira. O texto que nos ampara no resgate de nossa inserção na EF, assim se reporta a elas:

À mesma época, motivados pelos estudos no campo da Filosofia da Educação, nos dedicamos a desenvolver um quadro das *tendências* que permeavam a EF brasileira, na busca de sinais que pudessem vir a apontar para a sua inserção no campo das *Teorias Críticas* e, nele, no da teoria *Histórico-Crítica*. Isso porque tínhamos o entendimento de que os estudos na EF não levavam em conta o próprio modelo educacional brasileiro, não buscando perceber as influências na EF, das diversas concepções de Filosofia da Educação, vinculando-se essencialmente a uma narração cronológica e mecanicista dos fatos de sua história.

Tais estudos se detinham na análise dos diferentes métodos *ginásticos* que a influenciavam (alemão, sueco, francês, dinamarquês, esportiva generalizada) sem, contudo, mesmo em relação a eles, buscar compreendê-los no quadro histórico de suas origens em seus respectivos países, nem tampouco analisar o processo de incorporação dos mesmos pela EF brasileira.

Notávamos também, à época, a ausência de abordagens que viessem a percebê-la dentro do contexto sócio-político-econômico da sociedade brasileira, buscando através dessa relação analisar os papéis que a ela coube representar em diversos momentos históricos.

Grosso modo, a reflexão acerca das *Tendências na Educação Física no Brasil* nos permitiu afirmar existir, àquela altura, três tendências principais: a) A que, se apresentando na *Biologização* da EF, traduzia a presença sempre marcante que a categoria médica exerceu e ainda exercia na própria história da EF. Sua percepção de *Saúde* se limitava a seus aspectos biofisiológicos, não acompanhando o conceito então difundido pela Organização Mundial da Saúde (OMS), que desenvolvia a ideia de *Saúde Social*.

Sua forte influência era facilmente perceptível pelo simples levantamento das disciplinas da área médica que compunham as grades curriculares das 95 Escolas de Educação Física – de nível superior – então em funcionamento (...), como também pelo passar de olhos sobre aquilo que era produzido em termos de Ciência do Esporte.

Outra pode ser entendida como aquela que conduz à *Psicopedagogização* da EF. De certa forma, colocava-se em contraposição à *Biologização* e à influência dos médicos, mas tinha na pedagogia, fim em si

²¹ Os anos de vigência da ditadura civil-militar, coincidentes com nosso processo de escolarização, explica muito do porque dessa apropriação tardia do referencial marxista. Não obstante, de fundamental importância para minha tomada de consciência das questões sociais brasileiras, foi a experiência adquirida nos anos vividos no Maranhão (1976/86) quando, por dentro do Departamento de Interiorização da Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Estudantis tive a oportunidade de fazer parte de grupo multidisciplinar com expertise em políticas sociais, altamente qualificado.

mesmo. Tanto uma como a outra, integravam o quadro das *Concepções Acríticas de Filosofia da Educação*.

Fortemente influenciadas por uma teoria e prática tecnicista, traziam em si uma influência neopositivista que as fazia portadoras de uma postura defensora da ideia de *neutralidade científica*, de uma ciência apolítica, como que se isso fosse possível. Não se apercebiam que ao assim se posicionarem, colaboravam na manutenção e reprodução dos valores dominantes.

Para elas, *Inovar* significava o simples utilizar de novos instrumentos que se acrescentavam aos convencionais, compondo com eles ou os substituindo. Em nenhum instante, porém, enxergavam o *arranhar* do aspecto estrutural da sociedade brasileira. Tais *inovações* eram – na maioria das vezes – confundidas, tanto pelos profissionais da área como pela própria imprensa dita especializada, com o que de mais avançado existia no setor. Porém, de fato, pela postura acrítica, era o que de mais conservador existia na área.

Porém, uma terceira tendência começava a ganhar corpo no cenário da EF brasileira. Para ela, educar era um ato político. A ação pedagógica tinha seu aspecto político no possibilitar a apropriação pelas classes populares, do saber dominante, instrumentalizando-as para a transformação social.

Para ela interessava o Homem concreto, o Homem como conjunto das relações sociais. Para ela, *innovar* significava *mudar raízes*; significava colocar a EF a serviço de novos fins, a serviço da *mudança estrutural da sociedade*.

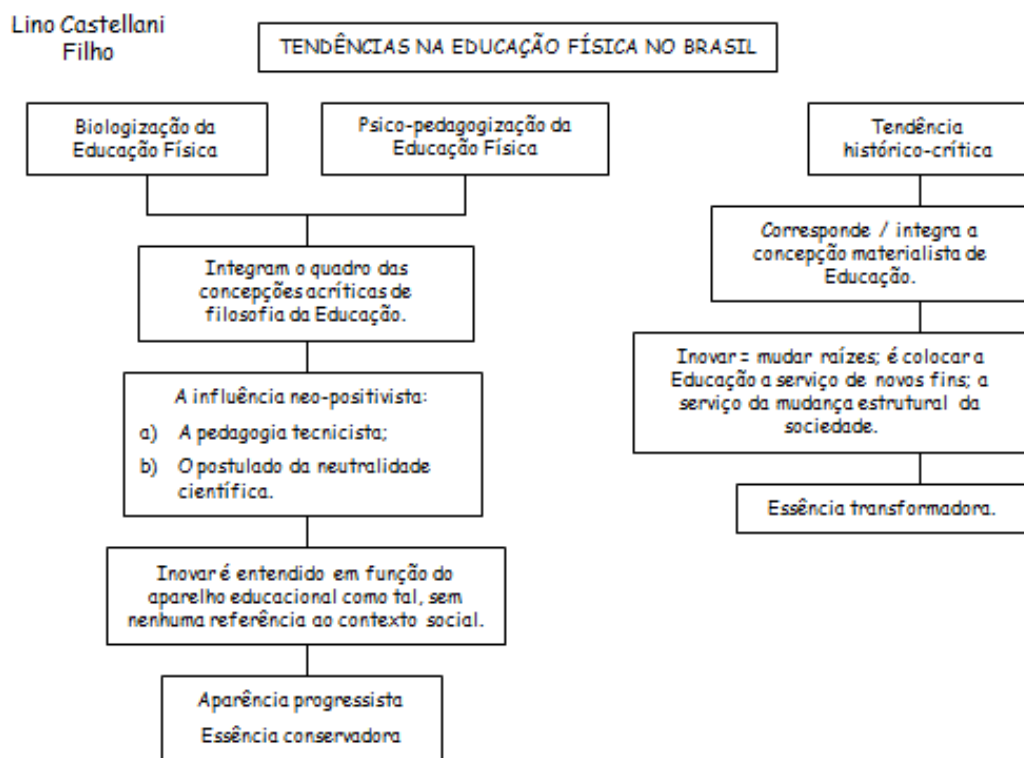
Como se vê dois blocos de tendências distintos, antagônicos. Um composto pela *Biologização* e pela *Psicopedagogização* da EF; outro por uma proposta transformadora de sua prática. Análises de conjuntura demonstravam que a tendência que trabalhava a concepção transformadora da prática da Educação Física vinha conquistando e ocupando espaços cada vez maiores na busca de estabelecer uma correlação de força que lhe permitisse desestabilizar o quadro hegemônico mantido pelas outras duas tendências.

(CASTELLANI FILHO, 2013, PP. 22).

Vejam os quadros estabelecidos àquela época:



QUADROS 4 E 5
(CASTELLANI FILHO, 2013, PP. 23-24).



Esse fato, na EF, até os dias atuais, hegemônica pelas ciências biomédicas²², não é expressão de *pouca coisa*, e sim de mudança paradigmática radical no pensar a prática pedagógica em seu âmbito.

E não há como se desvincular tal mudança, ao acontecido em nosso país ao final da década de 1970 e no transcorrer da de 1980.

Pois é o processo de redemocratização da sociedade brasileira, enfim, que nos ajuda a entender aquilo que em nossa EF se tornou conhecido como seu Movimento Renovador.

Sobre esse período, nos reportamos, mais outra vez, ao artigo da Revista “Horizontes”:

É nessa perspectiva que vamos encontrar nos anos 1980, em nosso país, o momento de ruptura paradigmática em que se descortina a possibilidade de se pensar a EF para além de sua relação paradigmática com a aptidão física, na direção de outra, desta feita de natureza histórico-social.

Não é à toa que isso acontece nos anos 1980. Vivíamos naquele momento histórico todo um processo de redemocratização da sociedade brasileira...

Os militares, que desde 1964 até aquela data estavam determinando os destinos da sociedade brasileira, não mais identificam condições de permanecer à frente dessa sociedade e articulam politicamente o regresso à caserna, devolvendo à sociedade civil a possibilidade de tomar para si a responsabilidade de construção do futuro brasileiro, a partir do presente que ali se desenhava.

Esse é um momento de *oxigenação* da sociedade brasileira. Os movimentos sociais e populares se rearticulam e se reorganizam. O mesmo se dá com os partidos políticos...

Os debates começam a fruir sob o ocaso da saída de cena dos militares, mais preocupados em preservarem os dedos mesmo que sob o risco de perderem os anéis...

Como não poderia deixar de ser também no campo da educação se dá início a um grande debate sobre os rumos da educação brasileira e é nele que a EF se espelha e começa a refletir acerca dos papéis que couberam a ela representar ao longo de sua existência.

Isso sendo feito a partir da necessidade posta naquele momento de se perspectivar, no cenário que se apresentava no horizonte brasileiro a partir dos fatos que se sucediam naquele dinâmico presente, as possibilidades históricas de construção de nosso futuro...

Certo era que o jeito que ela vinha sendo não se coadunava com o país que se forjava em princípios democráticos... E aí começamos a questionar a

²² Refletir sobre a hegemonia das ciências biomédicas - e sua epistemologia empírica analítica, no âmbito da EF -, passa, necessariamente, pela análise dos programas de pós-graduação de sua área acadêmica e a inserção, deles, na Grande Área da Saúde, o que traz para os que desenvolvem pesquisas a partir de referenciais próprios às Humanidades, dificuldades de se sustentarem neles por conta da presença de critérios definidores de produção de conhecimento, não sensíveis às especificidades das ciências humanas e sociais...

lógica que nos impedia de pensar a EF de forma contextualizada, dificultando nossa percepção dos processos de formação e de produção de conhecimento notadamente em direção distinta daquela vinculada ao eixo paradigmático aqui já mencionado.

Configura-se nos anos 1980, portanto, a possibilidade de outra relação paradigmática, de natureza histórico-social, que identificava o esporte, o jogo, a dança, a ginástica como dimensões da cultura humana denominadas por uns de cultura corporal, por outros de cultura do movimento e motricidade humana²³, para não irmos além...

As denominações foram surgindo, muitas delas com base epistemológica anunciada, outras com constructo epistemológico desconhecido até dos que a anunciavam...

Mas, fato concreto é que se abre a possibilidade de se pensar o presente no âmbito da EF, como produto do trabalho humano. O Homem produziu o esporte e o vem ressignificando visando o atendimento de suas necessidades sociais, e buscar saber *a qual necessidade social o homem pretendeu responder quando produziu e desenvolveu essas práticas sociais*, desencadeia outro sentido ao processo de formação profissional e acadêmica, obrigando os que a ela se circunscrevem a buscar outros referenciais para responder às questões originárias das ciências humanas e sociais não presentes no universo das ciências biológicas.

A fisiologia, a bioquímica, a biomecânica, a histologia, a citologia, a embriologia não nos forneciam e fornecem instrumental teórico para responder as seguintes perguntas: *Por que se coloca uma chuteirinha na porta da maternidade quando nasce um menino no nosso país? Por que é o futebol que dá identidade esportiva ao brasileiro? Não é o voleibol, não é o basquete, não é o rúgbi, não é o beisebol. É o futebol... Como se constrói a identidade cultural corporal? Por que dançamos samba aqui e os argentinos— nossos vizinhos — tango? Por que não é o tango que está aqui e o samba lá? Como se configura a cultura corporal²⁴?*

Para responder a essas perguntas precisávamos da filosofia, da sociologia, da antropologia, da história e tivemos que correr atrás desses referenciais sem abrirmos mão dos outros inerentes ao campo das ciências biológicas, porque continuávamos precisando deles para responder perguntas do tipo *O que acontece com o seu corpo, com o seu organismo quando submetido à atividade física, ao exercício físico? Como se adquire condicionamento físico, rendimento físico-esportivo?* Pois aí sim não é a filosofia, história, sociologia ou antropologia que vai me ajudar, mas sim a fisiologia do exercício...

²³ Destaca-se, aqui a presença, entre nós, do filósofo e professor português Manuel Sergio. O contato com seus livros precederam a própria presença dele entre nós, o que ocorre, pela primeira vez, por ocasião do III Conbrace, realizado pelo CBCE em setembro de 1983, na cidade de Guarulhos, SP. Já na segunda metade dos anos 1980, ele aqui retorna na condição de professor-visitante da FEF/Unicamp, trazendo com ele o resultado de sua tese de doutorado acerca da *Teoria da Motricidade Humana*. Sobre ele, escrevi crônica intitulada *Aos Mestres, com carinho*. Ela se encontra publicada em livro da Coleção *Polêmicas de Nosso Tempo* da editora Autores Associados, de 2013, sob o título *Reflexões nada aleatórias sobre Educação Física, Esporte e Lazer*.

²⁴ Mais tarde, em 2009, tive a oportunidade, junto com Rafael Moreno Castellani e contando com as ilustrações de Lor (Luiz Oswaldo Rodrigues), de publicar pela “Autores Associados”, livro didático voltado ao público juvenil, intitulado *Os Jogos de Minha Escola*. Em sua 4ª capa, assim escrevemos: *“O Esporte na Escola é responsável por boa parte dos debates realizados no campo da EF. Da sua presença absoluta, ainda que a partir do rendimento físico/esportivo, à defesa de sua saída da escola, chegamos atualmente a um ponto de equilíbrio em que não mais se questiona a pertinência de sua presença na escola, mas sim a forma como ela deveria se configurar...”*.

Portanto, é o conjunto de disciplinas científicas desse outro campo científico que vai fornecer as ferramentas teóricas para nós... E a partir dos anos 1980 ficamos com a possibilidade de nos formarmos, trabalharmos e produzirmos conhecimento a partir desses dois grandes campos científicos: Ciências Biológicas e Ciências Humanas e Sociais²⁵.

Mas do que falamos quando nos reportamos ao Movimento Renovador da EF brasileira? Salvo melhor juízo, até pouco tempo atrás ele era entendido como expressão da cientificização da EF brasileira, cuja origem estava localizada antes mesmo do processo de redemocratização da sociedade brasileira, em plena ditadura civil-militar²⁶.

Recentemente (2019), tivemos a oportunidade de nos reportarmos ao período acima explorado e, mais especificamente, ao denominado Movimento Renovador da EF brasileira, em publicação do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. Ao fazê-lo, expressamos nosso entendimento sobre a necessidade de desdobrá-lo em dois. Um, de natureza conservadora. Outro, de natureza progressista.

Trazendo como título 40 anos de CBCE: De expressão do 'Movimento de Renovação Conservadora' à síntese do 'Movimento Renovador (Progressista)' da Educação Física/Ciências do Esporte²⁷, o Ensaio buscou trazer reflexões acerca do processo de cientificização da Educação Física brasileira e os Movimentos de Renovação a ele articulados, defendendo a tese de que as ações encetadas nessa direção no período da Ditadura Civil-Militar nos anos 1970 tiveram caráter conservador, ratificador da compreensão presente no Governo-de-Exceção da razão de ser da Educação Física e do Esporte no quadro de políticas públicas, ao passo que aquelas ocorridas na década de 1980, por ocasião do processo de redemocratização da sociedade brasileira, buscaram exatamente romper com o até então configurado nesse processo de cientificização.

²⁵ Páginas 15e16 do texto publicado na Revista "Horizontes". Em outro trabalho (*Educação Física Escolar: Temos o que ensinar? Ou Considerações acerca do conhecimento (re)conhecido pela Educação Física Escolar*) tracei linhas argumentativas no sentido de ratificar a presença de parâmetros sócio-históricos na configuração do conhecimento concernente à EF. O artigo mencionado faz parte de livro denominado *Política Educacional e Educação Física*, publicado pela editora Autores Associados em sua coleção Polêmicas de Nosso Tempo, em primeira edição de 1998 e segunda de 2002.

²⁶ Pareceu-me ser esse o entendimento de Valter Bracht. Me reporto a esse fato no texto comentado na nota-de-rodapé abaixo.

²⁷ O referido texto, escrito sob a forma de Ensaio, encontra-se publicado às páginas 65-76 no Volume I da Série CBCE 40 anos, Ciências do Esporte, Educação Física e Produção do Conhecimento em 40 anos do CBCE – Memória e História do CBCE, publicado em 2019 pela editora Unijuí.

A certa altura dele, nos valendo de estudos de Gabriel Palafox e Luciano Galvão Damasceno, desenvolvidos em suas dissertações de mestrado²⁸, assim nos posicionamos:

A cientificização veio [à época da ditadura civil-militar], portanto, não para romper com o existente, mas sim para emprestar-lhe fidedignidade. Veio para ratificar em outras bases, agora emprenhadas de racionalismo pragmático, não mais centradas em práticas tradicionais gestadas tão só empírica e intuitivamente, a pertinência do sentido e significado atribuídos à EF e ao Esporte naquele momento histórico.

Nada há de progressista nessa renovação. Mas é nela, contraditoriamente, que se instaurou o parir do substantivamente novo, totalmente comprometido com as circunstâncias históricas de um país disposto a romper com seu passado recente e com o nascer de uma nova ordem, desta feita democrática.

(CASTELLANI FILHO, 2019, PP.71-72).

Dando sequência ao raciocínio, nos apoiamos em Marcelo Hungaro, em seu Ensaio²⁹ publicado como capítulo de livro na edição revisada e ampliada do livro A EF cuida do corpo... E mente (25ª edição, 2010), de João Paulo Subirá Medina:

... Tais circunstâncias [...] incidiram na EF e estimularam nela um teorizar crítico-sistêmico [nunca antes visto] que trazia uma característica marcante: era feito do ponto de vista 'dos de baixo'. Em outras palavras, a EF, pela primeira vez, questionava 'teoricamente' sua histórica funcionalidade aos interesses das elites dominantes e inaugurava um movimento de engajamento com a luta pela mudança radical (na raiz) da sociedade capitalista³⁰.

E continuamos nossas digressões no Ensaio da coleção do CBCE:

Movimentos Renovadores abundam. A maioria deles trazendo inovações escamoteadoras do verdadeiramente novo, mantendo incólumes as bases estruturantes do velho. Observaram-se vários deles na EF brasileira³¹.

Não pairam dúvidas sobre o caráter renovador desses Movimentos e, sim sobre a natureza dos mesmos, se conservadora ou progressista (...).

Nesse sentido, é com pesar que tememos dizer que vamos "mal das pernas", pois elas – as teorias críticas – (não só) no âmbito da EF,

²⁸ Gabriel Palafox, *EF no Brasil: Aspectos Filosófico-Pedagógicos subjacentes à Política Nacional em Ciência e Tecnologia para esta área no período 1970-1985*. Defendida publicamente junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Supervisão e Currículo da PUC/SP, em 1990, sob a orientação da professora Ana Maria Saul. Já Luciano Galvão Damasceno defendeu em 2011, sob minha orientação, sua dissertação de mestrado *30 anos do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte: EF e a construção de uma hegemonia*, junto ao Programa de Pós-Graduação em EF da Unicamp. Tal dissertação foi, em 2013, publicada em formato livro pela editora Papyrus, com o título "EF na Formação do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte".

²⁹ *A Educação Física e a tentativa de 'deixar de mentir': o projeto de 'intenção de ruptura'*, pp.135-159.

³⁰ Marcelo Hungaro, obra citada, p. 137.

³¹ O Movimento Esporte Para Todos, serve de exemplo.

notadamente a partir dos anos 1990, vem sendo banidas da ambiência acadêmica. Primeiramente pelas consequências do forte enraizamento do pensamento pós-moderno no mundo acadêmico, e agora pela inquisição capitaneada pelas instâncias (não só) governamentais solidárias aos princípios inerentes ao movimento – reacionário, é certo – denominado ‘Escola Sem Partido’³².

Vejamos... As Denominadas ‘Teorias Críticas’ passam a ser absorvidas na EF por ocasião do processo de redemocratização de nossa sociedade. Tal absorção se dá de forma inicialmente indireta, notadamente via produção teórica, de estudos e debates presentes na educação brasileira na década de 1980.

Todavia, quando mal a assimilávamos e buscávamos seus referenciais em fontes primárias, deixando em segundo plano sua apreensão através da mediação da educação, fomos atropelados por acontecimentos mundiais responsáveis pelo colapso de alternativas de ordenamento societário ao existente sob a lógica capitalista.

A ‘modernidade’ é tida como falida em seus princípios organizativos da vida. O ‘pensamento moderno’ é posto em xeque. Em seu lugar se apresenta o ‘pensamento pós-moderno’, e com ele a debacle das teorias críticas ganha consistência.

Também no campo da EF tal quadro se fez notar. Se dedicamos os anos 1980 à apropriação de referencial crítico para buscarmos saber o que desejávamos ser, o que tínhamos sido e o que éramos, se nos colocamos em campo para denunciarmos nossos vínculos com projetos societários contrários aos intentos de emancipação humana, se nos pusemos como meta anunciar o ‘substantivamente novo’ – o que passamos a fazer notadamente a partir da segunda metade daquela década e início da de 1990³³ -, vimos as portas se fecharem por conta – dentre outros motivos - da derrocada do leste europeu, da queda do muro de Berlim e do fim da URSS, como se essas experiências traduzissem, de fato, o fracasso das teorias sociais críticas, notadamente a de viés marxista.

(CASTELLANI FILHO, 2019, PP. 72-73).

Dito isso, voltamos a citar Hungaro³⁴, em busca de seu refinamento na análise:

[...] Entendemos que as circunstâncias históricas dos anos 1990 (as determinações da realidade) foram extremamente avessas ao projeto de ‘intenção de ruptura’ da EF com seu passado conservador. Tal projeto, inaugurado nos anos 1980, fortalecido até meados de 1990, começa a se defrontar com um contexto (da pós-modernidade) extremamente conservador (em certo sentido, inclusive, reacionário) e absolutamente avesso ao marxismo – que tanto inspirou o projeto de ‘intenção de ruptura’...

(CASTELLANI FILHO, 2019, p.73).

³² Movimento de natureza conservadora que acusa setores da esquerda do âmbito educacional de estabelecerem doutrinação política de índole marxista em sala de aula. Traduzido em projeto de lei, foi arquivado em 2018, tendo sido retomado em 2019.

³³ É necessário lembrar que livros emblemáticos em nossa área, como o de Medina, aqui já citado, o de Vitor Marinho de Oliveira (*O que é Educação Física*) e o de Kátia Brandão Cavalcante (*O Discurso Ideológico do EPT*) foram publicados nos anos de 1983 e 1984. Por sua vez, a publicação de obras como a do *Coletivo de Autores*, dentre outras, na primeira metade dos anos 1990, requerem ser entendidas como sínteses do vivido na década anterior.

³⁴ Conforme Hungaro, obra citada, p.144.

E seguimos com ele, quando se reporta aos ataques encetados pelo movimento pós-moderno às bases da filosofia moderna:

Tal movimento – que é extremamente heterogêneo³⁵ – foi altamente funcional à lógica capitalista contemporânea e ‘criou’ uma ambiência sociocultural completamente avessa ao pensamento de Marx. Sua funcionalidade deve-se a alguns supostos que unificam a tematização desse movimento, tais como: a ‘desreferencialização do real’ (a realidade deixa de ser a referência para a verdade, e tampouco pode ser entendida como uma totalidade articulada); a ‘exorbitação da linguagem’, cuja principal expressão é a conversão da ciência em ‘jogo de linguagem’ (já que o real não é mais a referência, tudo se converte em discurso e ‘vence’ aquele que for mais performático); e a ‘desubstancialização do sujeito revolucionário’ – o movimento operário...
(CASTELLANI FILHO, 2019, p. 74).

Em linhas gerais, são esses os motivos que levaram ao ocaso das teorias críticas – em especial aquela configurada na tradição marxista - e que nos ajudam a entender o prevalecer, nela, EF, do pensamento pós-moderno.

De volta ao contexto da pandemia mundial e da pandêmica ignorância tupiniquim.

As pessoas se recolheram em casa.
E leram livros, e ouviram, e se exercitaram, e fizeram arte,
E jogaram jogos,
E aprenderam novas formas de ser e ficaram quietas.
E ouviram mais profundamente.
Algumas meditaram, algumas oraram, algumas dançaram.
Algumas encontraram suas sombras.
E as pessoas começaram a pensar de modo diferente.
E as pessoas se curaram.
E na ausência de pessoas vivendo na ignorância,
No perigo, na inconsciência e no egoísmo, a terra começou a se curar.
E quando o perigo passou e as pessoas se juntaram de novo,
Elas choraram suas perdas e fizeram novas escolhas,
E sonharam novas imagens e criaram novas formas de viver,
E curaram a terra completamente, como haviam sido curadas.
(Kitty O’Meara, “And the people stayed home” - 2020³⁶)

³⁵ Comungamos da compreensão sobre a heterogeneidade do pensamento pós-moderno. Em certo sentido, também assim entendemos o presente no interior da tradição marxista. Assim, reconhecemos também no universo da nossa área acadêmica, a presença de pensadores pós-modernos dotados de compromissos éticos caros aos pensadores vinculados à teoria social marxista.

³⁶ Há controvérsias a respeito da autoria do referido poema. A mais plausível reporta ter sido inspirado em outro escrito pela italiana Irene Vella. <https://www.sapeople.com/2020/03/18/and-the-people-stayed-home-by-kitty-omeara/>

No momento em que retomamos as atuais circunstâncias, a pandemia do Covid-19 ainda não alcançou seu ápice em nossas terras, previsto para meados do mês de maio. Ainda assim, os dados oficiais assustam, tanto pelo que mostram³⁷ como pela cada vez mais evidente subnotificação do número de infectados e mortos, aliada à também já demonstrada inépcia governamental, em especial o da esfera federal, no definir de ações apropriadas ao seu combate.

Segundo expressão da especialista em Saúde Global Deisy Ventura, professora e pesquisadora da Faculdade de Saúde Pública da USP,

o Brasil se tornou um ‘pária internacional’”. Segundo ela “O Brasil vinha tendo um papel de liderança internacional, inclusive nas questões de saúde. O país é referência internacional em diversos programas [nessa área]. Hoje o Brasil é ridicularizado, hostilizado. Existe um desconcerto entre os governantes dos Estados mais importantes do mundo em relação ao que é feito aqui³⁸.

Para o Sindicato de Docentes da Unicamp, Adunicamp, em carta endereçada a seus filiados,

... fica evidente o quão pernicioso tem sido a hegemonia neoliberal pelo mundo, que fragilizou os sistemas públicos de saúde, impôs formas extremamente precárias e desreguladas de trabalho, flexibilizou direitos trabalhistas e previdenciários, perseguiu sindicatos, desorganizou a sociedade civil, desmontou estruturas de assistência social, enfim, que tornou menor o Estado e agora deixou a sociedade à mercê da morte e da doença...³⁹.

³⁷ Com 5.017 mortos, Brasil ultrapassa a China em vítimas da covid-19 (28/04/2020). https://exame.abril.com.br/brasil/numero-infectados-coronavirus-brasil/?utm_source=pushnews&utm_medium=pushnotification&utm_campaign=push_exame&utm_term=

³⁸ <https://operamundi.uol.com.br/coronavirus/64371/geopolitica-da-pandemia-a-verdade-e-que-hoje-o-brasil-e-um-paria-internacional-diz-especialista-em-saude-global?bol>

³⁹ Carta aos Associados, Adunicamp, Clipping 81, 21 a 24/04/20.



40

E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagres.

(Jair Messias Bolsonaro, quando perguntado sob o nº de mortes pelo covid-19 no país. 28/04/2020).

Se não bastasse a pandemia, o pandemônio - com o qual convivemos há 16 meses - demonstra não ter fim, por mais que o fim pareça estar em horizonte cada vez mais próximo e visível.

Visível, só não é o que nos espera para além dele...

No exato momento em que traço estas linhas, Bolsonaro anuncia os nomes que substituirão o demissionário Ministro da Justiça, Sergio Moro (André Mendonça), e o exonerado – a pedido – Chefe da Polícia Federal, Maurício Valeixo. Nomes que chegam sob suspeição aos olhos de todos, dada a revelada intenção presidencial de imiscuir-se nas ações da Polícia Federal, somada à intimidade existente entre Alexandre Ramagem Rodrigues - já nomeado para sua chefia - e a família Bolsonaro⁴¹.

⁴⁰ Gravura de GUAZELLI, BLOG do Juca, 17/05/20.

⁴¹ Veja mais em <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2020/04/28/e-dai-quem-e-alexandre-ramagem-amigo-da-familia-bolsonaro-que-comandara-pf.htm>. Em 29/4/20, um dia após a publicação em Diário Oficial da União da nomeação de Ramagem, o STF, em decisão monocrática do juiz Alexandre de Moraes, a barra. A Advocacia Geral da União, AGU, por sua vez, chegou a dizer que não recorreria da decisão, no que foi demovida pelo presidente.

Sergio Moro “saiu atirando”, já “mirando” 2022. Os tiros atingiram a já combalida imagem de Bolsonaro⁴². Mas menos do que muita gente imaginou. É o que nos diz a análise da pesquisa Datafolha feita por colunista da FSP⁴³.

Por outro lado, o espaço mediático destinado a Sergio Moro pela rede Globo de televisão, dá sinais inequívocos de que ela já tem candidato ao pleito presidencial futuro⁴⁴.

Mas nem tudo são flores para Moro. Suas acusações a Bolsonaro tiveram a “virtude” de trazer à tona, acordos não republicanos realizado entre eles, de forma a fazer com que ambos surjam como “réus confessos” em investigação aberta pelo Procurador Geral da União e acolhida pelo Supremo Tribunal Federal acerca do episódio.

Sob o título Sergio Moro é um homem honrado, Marcio Sotelo Felipe, advogado, ex-procurador-geral do Estado de São Paulo e mestre em Filosofia e Teoria Geral do Direito pela USP, publicou na revista Cult, o artigo que reproduzimos, dada sua pertinência:

Sergio Moro é um homem honrado. Convocou a imprensa para anunciar que deixava o Ministério da Justiça porque o presidente da República queria interferir ilegalmente na Polícia Federal.

Quando juiz da Lava Jato, determinou a quebra do sigilo telefônico de Lula e suspendeu a medida às 11h13 do dia 16 de março de 2016. Mas às 13h32 do mesmo dia a escuta ainda era feita e captou uma conversa do ex-presidente com a presidenta Dilma Rousseff. Nesse momento, o sigilo telefônico de Lula estava garantido pela Constituição, mas o então juiz remeteu a gravação à Globo e ali terminou, de fato, o mandato da presidenta da República. Mas Sergio Moro é um homem honrado.

Às 6 da manhã do dia 4 de março de 2016, a Polícia Federal chegou à casa de Lula para conduzi-lo coercitivamente a Curitiba por determinação do juiz Sergio Moro, que queria um espetáculo público de humilhação do ex-presidente. Os artigos 218 e 260 do Código de Processo Penal somente autorizam a condução coercitiva quando o réu não atende ao chamado para interrogatório ou quando a testemunha, intimada, não comparece. Lula não era réu e nem havia sido intimado. Mas Sergio Moro é um homem honrado. Sergio Moro condenou o candidato à frente nas pesquisas com uma sentença que não tinha qualquer base fática razoável, criticada por juristas de todo mundo, mutilando as eleições presidenciais. Mas Sergio Moro é um homem honrado.

Quando se descobriu que a Odebrecht fazia doações ocultas ao Instituto Fernando Henrique Cardoso e os procuradores da Lava Jato sugeriram

⁴² Pesquisa Datafolha traz números demonstrativos da ampliação do descontentamento com o governo Bolsonaro, seja pela sua conduta na pandemia, seja pela contaminação epidêmica de suas atabalhoadas iniciativas políticas. Ver em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/04/brasileiros-acreditam-mais-em-moro-do-que-em-bolsonaro-mostra-datafolha.shtml>.

⁴³ <https://noticias.uol.com.br/colunas/reinaldo-azevedo/2020/04/28/impeachment-no-empate-impacto-moro-na-reputacao-de-bolsonaro-e-reduzido.htm>

⁴⁴ A Rede Globo já descartou a possibilidade de reeleição de Jair Messias Bolsonaro. Parece que também se apoia em análises de fora do país. <https://blogdacidadania.com.br/2020/04/financiam-impedimento-de-bolsonaro/>

investigar apenas para aparentar isenção, Sergio Moro impediu com o argumento de que não convinha “melindrar alguém cujo apoio é importante”. Mas Sergio Moro é um homem honrado.

Sergio Moro violou os mais triviais deveres de imparcialidade e isenção de um juiz, como soubemos pelas revelações da Vaza Jato. Conspirou com a acusação e a dirigiu em muitos momentos. Mas Sergio Moro é um homem honrado.

Sergio Moro confessou que, ao aceitar ser ministro, pediu uma pensão para sua família caso morresse. Artigo 317 do Código Penal: “solicitar ou receber, para si ou para outrem, direta ou indiretamente, ainda que fora da função, ou antes, de assumi-la, mas em razão dela, vantagem indevida, ou aceitar promessa de tal vantagem”. Como não se consegue vislumbrar algum motivo para essa vantagem ser devida, somos pelo menos autorizados a cogitar corrupção passiva, exatamente o crime pelo qual condenou Lula. Mas Sergio Moro é um homem honrado.

Moro quis aprovar um pacote punitivista, com ranço de fascismo, que superlotaria o já bárbaro sistema prisional que abriga quase um milhão de presos. Usou, entre outros argumentos, o de que medidas populares traziam capital político para a reforma da previdência. Mas Sergio Moro é um homem honrado.

Essa breve recapitulação aponta em tese para os crimes de violação de sigilo telefônico, abuso de autoridade, prevaricação, corrupção passiva e um maquiavelismo rasteiro. Mas Sergio Moro é um homem honrado.

Sergio Moro assumiu o Ministério da Justiça de um presidente fascista, racista, defensor da ditadura e que tem como ídolo um homem que enfiava ratos e baratas em vaginas de mulheres. Sua mulher afirmou em fevereiro deste ano que Bolsonaro e Moro são “uma coisa só”. Se ela, que priva da intimidade dele, pensa isso, como podemos nós duvidar? Mas Sergio Moro é um homem honrado.

Kennedy Alencar escreveu em um tuite que Moro é mais perigoso para a democracia brasileira do que Bolsonaro. Não sei exatamente o fundamento do jornalista. Mas é evidente que nenhum dos dois tem escrúpulos. Nenhum dos dois respeita a Constituição. Nenhum dos dois tem qualquer pudor de violar normas e o Estado de Direito para satisfazer interesses políticos ou pessoais. Mas Sergio Moro é um homem honrado.

A diferença é que Bolsonaro atenta contra a democracia sem esconder que atenta contra a democracia. Vai às portas dos quartéis discursar em atos que pedem a volta da ditadura. Moro atenta contra a democracia passando-se por um homem honrado. Por campeão da moralidade. Por herói da probidade. A diferença entre Bolsonaro e Moro é a que existe entre quem aponta um revólver à luz do dia e aquele que na calada da noite apunhala a vítima adormecida. Ou a diferença entre um membro da SS e uma espécie de lago, o ardiloso personagem do Mouro de Veneza. Mas Sérgio Moro é um homem honrado.

O que houve na sexta-feira, 24 de abril, foi o primeiro lance da campanha eleitoral de 2022. O cavalo passou selado. Era o momento de se descolar da figura desgastada de Bolsonaro, prestes a sofrer um processo de impeachment, ridicularizado mundialmente, com o peso da morte de milhares de brasileiros nas costas pela sua negativa insana da pandemia. Moro não abandonou a magistratura para ser por algum tempo ministro de um homem que desprezava, que humilhou publicamente em uma lanchonete de aeroporto, e depois voltar a ser um homem honrado comum.

Moro tem um projeto de poder e é também o projeto de poder dos sonhos da direita, do mercado, da Globo, porque não traz, diferentemente de Bolsonaro, efeitos colaterais. Um hipotético presidente Moro teria enfrentado a pandemia ao modo de Doria, que passou de alguém que maltrata morador de rua a herói da saúde pública. Se o programa da direita, o projeto neoliberal, tem que ser executado por um psicopata alucinado, que seja, eles aceitam. Paciência. Mas se puder ser por alguém que tem a esperteza e o cálculo de ostentar virtudes públicas e republicanas ao mesmo tempo em que viola todas elas, muito melhor. Por um homem honrado⁴⁵.

Enquanto isso, a Educação...

Ao meio disso tudo, o campo educacional continua vivendo seus infortúnios, iniciados, de forma mais contundente no período pós-impeachment da presidente Dilma Rousseff, com a promulgação da Emenda Constitucional nº 95/16. Reforma do Ensino Médio (Lei nº 13.415/17), Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o Ensino Fundamental (Dez/17) e Médio (Res. CNE/CP nº 4/ 17/12/18) e, já sob Bolsonaro, a BNCC Formação de Professores para a Educação Básica (Res. CNE/CP nº 2 de 20 de dezembro/2019), vieram em seguida. Soma-se a isso, o fortalecimento das escolas cívico-militares⁴⁶, ratificadoras da tese da militarização da educação e da sociedade brasileira.

Ao mesmo tempo, ataques à autonomia universitária, presentes desde 2019⁴⁷, proliferam sob a pandemia e epidemia⁴⁸ entre um e outro desaforo do ocupante do cargo de ministro da educação. Não sem constrangimento para o governo e resistência por parte das IEFs⁴⁹.

⁴⁵ <https://revistacult.uol.com.br/home/sergio-moro-um-homem-honrado/#.XqgmF44SoCV.whatsapp>. Os grifos são meus.

⁴⁶ Convivemos desde 2019 com o Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares. Segundo a página do Ministério da Educação, trata-se “de uma iniciativa do Ministério da Educação, em parceria com o Ministério da Defesa, que apresenta um conceito de gestão nas áreas educacional, didático-pedagógica e administrativa com a participação do corpo docente da escola e apoio dos militares...”. Para saber mais, acesse escolacivicomilitar.mec.gov.br

Tive a oportunidade, em parceria com o professor Frederico Guirra, de elaborar texto (*Direita, volver! Forças no Esporte e... Na Educação: a militarização da sociedade brasileira em marcha*) abordando o processo de militarização da sociedade brasileira, tanto por meio das escolas mencionadas como através de políticas esportivas centradas no protagonismo das Forças Armadas. Ele se encontra publicado no volume 8 da coleção do CBCE comemorativa aos seus 40 anos de vida.

⁴⁷ <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/08/31/governo-intervio-em-6-de-12-nomeacoes-de-reitores-de-universidades-federais-ate-agosto.ghtml>

⁴⁸ <https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2020/04/20/mec-nomeia-reitor-do-ifrn-professor-que-nao-concorreu-a-eleicao.ghtml> Notícias recentes informam de liminar barrando a referida nomeação e dando posse ao nome eleito no processo interno ao Instituto. Novos “lances” são aguardados.

⁴⁹ <https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/noticia/2020/04/reitor-temporario-nomeado-por-weintraub-para-instituto-federal-de-santa-catarina-nao-aceita-indicacao-ck9a5d45n004f01qob6xst1ea.html>

Paralisadas por conta do isolamento social, as aulas presenciais da Educação Básica – e também nos IFES – cederam vez ao ensino a distância de forma mais das vezes atribulada e destituída de estudos prévios das condições para que ele ocorresse. Se isso não bastasse, assistimos, nestes tempos, o avançar da EAD como instrumento de mercantilização da Educação Básica. É o que denuncia matéria DE 8/04/2020 do Sinpro/DF:

... É nesse contexto que se movimentam os grandes grupos privados de educação. A Fundação Lemann articulada com a União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação – Undime, o Conselho Nacional de Secretários de Educação – Consea e o Ministério da Educação – MEC – que de maneira muito semelhante com a articulação para a aprovação da BNCC – tentam massificar a EAD na rede pública de Educação Básica. Os grandes empresários da educação veem na pandemia a oportunidade de lucrar ainda mais.

A proposta apresentada pela Fundação Lemann consiste em viabilizar educação a distância a partir do uso de celulares e em parceria com as operadoras de banda larga e serviços móveis. Lemann também incentiva o uso da plataforma Khan Academy, que adivinhe só, é financiada pela sua Fundação. A articulação é feita também com outras organizações como Instituto Natura, Fundação Itaú Social, Fundação Roberto Marinho e Instituto Unibanco. Essa agenda pode significar a entrada das grandes empresas num mercado que corresponde a mais de 80% de matrículas da educação básica que hoje estão na rede pública de ensino (mais de 45 milhões de estudantes e cerca de 5 milhões de trabalhadores/as).

A proposta tem levantado o debate em todo o país, principalmente após manifestação do Conselho Nacional de Educação e de vários Conselhos Estaduais autorizando o uso de EAD na educação básica no período da pandemia. A defesa dos grandes grupos empresariais (na mesma linha de Bolsonaro de salvar a economia) é de que a paralisação das atividades pedagógicas traz grandes prejuízos à população e que é preciso salvar o ano letivo.

Do outro lado, entidades de trabalhadores/as em educação e estudantes não titubeiam em dizer: EAD na educação básica não é solução. Não podemos aceitar que a necessária suspensão do ano letivo para salvar vidas seja motivo para a privatização da educação básica através da educação a distância. EAD na educação básica é um ataque ao direito fundamental e inalienável da educação...

***Não é hora de salvar o ano letivo. É hora de salvar vidas!*⁵⁰**

Educação Física

“Não é curioso que três das disciplinas curriculares menos valorizadas e com menos horas letivas – a Arte, a Música e a EF – sejam agora a melhor forma de manter certo equilíbrio e melhor saúde física e mental nesses dias tão difíceis de quarentena?” “Que neste momento de reclusão da população, EF,

⁵⁰ <https://www.sinprodf.org.br/financeirizacao-da-educacao-e-ead-em-tempos-de-pandemia/>

Artes e Música, sejam recomendadas como de vital importância para aguentarmos os dias dentro de casa?”⁵¹.

Não pode ser alvissareira à EF Escolar, uma política educacional como a retratada neste Ensaio. Pelo contrário, o cenário é desalentador.

Nada há de semelhança entre o contexto no qual se gestou o Movimento Renovador Progressista da EF e o de agora. Naquele momento, ares democráticos sopravam a embalar nossa vontade política de retomar em nossas mãos o destino de nosso país. Se em um primeiro momento denunciávamos as mazelas das duas décadas de Estado-de-Exceção, em seguida nos pusemos em campo para anunciar o *novo* da forma que deve ser, não pela negação do velho, mas sim pela sua apreensão e subsequente superação.

Tempo de renovação, de criação. Ter tido a oportunidade de viver aquilo tudo nos dá sensação forte de plenitude.

Já os tempos atuais se assemelham ao período da ditadura civil-militar (1964/84), guardadas todas as (inúmeras) diferenças entre o lá presente e o que hoje presenciamos e enfrentamos. De igual, o sentimento de impotência que inibe nossa capacidade de criação, que mata a juventude que existe em nós.

Do momento em que, pela primeira vez, o quadro das teorias pedagógicas se fez público, até agora, se passaram 27anos. Ao longo deles vivemos a realidade dura de, com alegria e tristeza, par dialético, acompanharmos nossa democracia em seu processo de maturação, germinando, brotando, crescendo e... Se esmigalhando no autoritarismo componente do DNA de nossa burguesia, de nossa elite do atraso, na perfeita alusão a ela feita por Jesse de Souza⁵².

Vinte e sete anos de uma educação escolar e de uma EF escolar ansiosa por se fazer melhor do que era, de se expandir com qualidade socialmente referenciada, defendendo para nossa juventude, formação voltada para o desenvolvimento do *humano* existente em nós...

Aos trancos e barrancos, a EF organiza sua área acadêmica, teoriza sua prática pedagógica sabendo que *toda teoria radica na prática, perspectiva e antecipa uma nova prática*, no dizer de Manuel Sergio, aqui já mencionado, em suas andanças por nossas terras,

⁵¹https://m.facebook.com/story/graphql_permalink/?graphql_id=UzpfSTEWMDAwMjMyMzA5NDg5NDpWSzoyOTU4MzI2NDc0MjU0NzYw O endereço acima expressa o lugar onde, na rede social “Facebook”, tive acesso à citação. Sua fonte primária, todavia, não chegou a ser identificada por mim.

⁵² Jessé de Souza, Elite do Atraso – Da escravidão à Lava Jato. Rio de Janeiro, RJ, Leya, 2017. Sociólogo, presidiu o IPEA entre os anos 2015 e 2016.

e também pelas dele - muitas das quais, acompanhei -, e também, com outras palavras, no de Paulo Freire⁵³.

Do quadro das teorias pedagógicas de então, nos deparamos hoje com os herdeiros daqueles professores que, nele, constavam, formados por eles em iniciações científicas, mestrados e doutorados, eventos acadêmicos e no convívio dos grupos de estudos e pesquisas que se organizaram país afora.

Elenor Kunz e a razão comunicativa de Habermas, ao lado daquilo que mais fenomenológico pudéssemos encontrar em Paulo Freire; João Batista Freire, piagetiano de mão cheia, e suas menções a Manuel Sergio, Edgar Morin e Vygotsky; Jocimar Daólio e sua apropriação de Gertz; Mauro Betti e sua aproximação com a semiótica; Wagner Wei Moreira e a fenomenologia apreendida pelo viés da psicologia. Todos formaram e influenciaram novas gerações de professores...

Herdeiros da Concepção Crítico-Superadora, na qual nos localizamos, citamos o Grupo de Estudo, Pesquisa e Intervenção Profissional “Ethnós”, da Universidade Estadual de Pernambuco, coordenado pelo professor Marcílio Souza Júnior; Se espalhando em terras nortistas e nordestinas, temos o “LEPEL”, com base na UFBA sob coordenação da Professora Celi Taffarel. Indo para o Centro-Oeste, nos deparamos com o “Avante”, Grupo de Pesquisa e Formação Sociocrítica em Políticas de Educação, Esporte e Lazer, coordenado pela tríade de professores constituída por Edson Marcelo Hungaro, Fernando Mascarenhas, e Pedro Athayde. Três grupos – dentre outros aqui não citados – representativos das distintas formas de apreensão da teoria social marxista.

Como sabemos, movidas pelas circunstâncias históricas, recrudescem na EF brasileira, propostas conservadoras sobre o papel que ela deva representar na Educação Básica. Assim, os presentes no quadro de 1993 Dartagnan Pinto Guedes e a “educação para a saúde”; Go Tani e sua relação com os estudos da aprendizagem motora/desenvolvimento motor; e Victor Matsudo e o binômio atividade física/saúde, novamente retornam à baila a partir de concepção retrógrada e anacrônica de saúde, distante daquela apregoada pelo campo acadêmico da Saúde Coletiva e presente nas ações do SUS, Sistema Único de Saúde brasileiro.

⁵³ Tive a feliz oportunidade de ter a presença de Paulo Freire em minha formação, aluno dele que fui no mestrado da PUC/SP, como também na condição de colega de trabalho na prefeitura municipal de São Paulo, por ocasião do Governo Erundina (1990/93). Escrevi sobre essas experiências em 2019, publicando o escrito sob o título *Encontros com Paulo Freire e as políticas públicas de Educação Física no município de São Paulo*, como capítulo do livro *Educação Física Escolar e Paulo Freire: Ações e reflexões em tempos de chumbo*.

Todavia, é do Conselho Federal de Educação Física – Confef – a autoria de propostas que melhor representam tal anacronismo. Já em 2009, complemento da Revista “Nova Escola” trazia o documento, elaborado por ele, Conselho, denominado Diretrizes para ações de políticas públicas para Educação Física e Esporte Escolar⁵⁴. Anos mais tarde (2014), o mesmo Conselho fazia publicar o livro Recomendações para a Educação Física Escolar⁵⁵.

Também de índole conservadora - todavia de conservadorismo distinto ao do acima comentado -, dada sua episteme filiada ao pensamento pós-moderno e, nele, às teorias pós-crítica e pós-estruturalista, mas, sem dúvida, de ética progressista, encontramos estudos e propostas da lavra do professor Marcos Neira, docente da Faculdade de Educação da USP, e coordenador do Grupo de Pesquisas em Educação Física Escolar⁵⁶.

Sem dúvida, Neira é expoente dessa linha de pensamento no âmbito da EF brasileira. Sua presença se fez notar no processo de construção da *Base Nacional Curricular Comum para o Ensino Fundamental*, onde grupo eclético se constituiu para elaborar proposta para a presença da EF nessa fase da Educação Básica. Seus estudos e propostas, batizadas de EF Cultural, realçam sua relação com o culturalismo, em especial com o multiculturalismo⁵⁷.

Cabe também fazermos menção às contribuições apresentadas à EF Escolar pelos professores Alex Branco Fraga e Fernando Jaime González, tanto em publicações como também em propostas curriculares desenvolvidas no Rio Grande do Sul, além de suas participações na feitura da proposta junto à BNCC, aqui já citada. Por sua vez, a cumplicidade (no bom sentido) que mantêm com o professor Valter Bracht, referência maior da área e de suas intervenções, os faz signatários da presença do pensador Zygmunt Bauman nas suas reflexões⁵⁸.

Também não podemos nos furtar de comentar as contribuições da professora da Unesp, Suraya Cristina Darido, envolvida que esteve na elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacional para a Educação Física.

⁵⁴ https://www.listasconfef.org.br/arquivos/publicacoes/NOVA_ESCOLA/nova_escola.pdf

⁵⁵ Organizado pelos professores Ricardo Catunda, Sergio Kudsi Santori e Elisabete Laurindo, o referido trabalho detalha o entendimento que o órgão profissional tem para ela, EF Escolar. Com seus recursos, que não são poucos, o livro circulou e circula, até hoje, por todo o país, independentemente do entendimento do campo progressista de não ser, a Educação Escolar, campo de intervenção, controle e fiscalização de conselhos profissionais.

⁵⁶ www.gpfe.fe.usp.br.

⁵⁷ Sobre eles, culturalismo e multiculturalismo, sugiro a leitura do Artigo escrito por Celso Frederico, professor da USP vinculado ao Instituto de Estudos Avançados, denominado O multiculturalismo e a dialética do universal e do particular (Estudos Avançados 30 (87), 2016).

⁵⁸ Recentemente (2019), Valter nos brindou com o livro *A Educação Física Escolar no Brasil: O que ela vem sendo e o que pode ser (elementos de uma teoria pedagógica para a educação física)*.

Tantos nomes! A eles outros tantos poderiam ser agregados⁵⁹. O que importa é sabermos que, por mais que análises do presente tendam a nos fazer pessimistas em relação ao futuro, as gerações que se sucedem no tempo saberão buscar o que for preciso para que nosso país recupere seu Estado Democrático de Direito e, com ele, as condições necessárias para a consecução de políticas sociais - a educacional dentre elas – comprometidas com o combate às condições sócio-político-econômicas que hoje nos afligem.

Nesse processo, e do tempo resultante dele, a Educação Física Escolar saberá se colocar a serviço do movimento de emancipação humana.

Referências Bibliográficas

BRACHT, V. Educação Física: a busca da autonomia pedagógica. In **Revista da Fundação de Esporte e Turismo**. Florianópolis, SC: Fundação de Esporte e Turismo, 1(2), 1989, pp. 12-19.

BRACHT, V. **A Educação Física Escolar no Brasil: o que ela vem sendo e o que pode ser (Elementos de uma teoria pedagógica para a Educação Física)**. Ijuí, RS: Editora Unijuí, 2019.

CASTELLANI FILHO, L. A (des) caracterização profissional – filosófica da Educação Física. In *Revista Brasileira de Ciências do Esporte, RBCE*. São Caetano do Sul, SP: CBCE, V.4 (3), 1983, pp. 95-101.

CASTELLANI FILHO, L. Pelos meandros da Educação Física. In **Revista Brasileira de Ciências do Esporte, RBCE**. Maringá, PR: CBCE/UEM, V. 14 (3), 1993, pp. 119-125.

CASTELLANI FILHO, L. **A Educação Física No Sistema Educacional Brasileiro: Percurso, Paradoxos e Perspectivas**. 1999. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, 1999.

CASTELLANI FILHO, L. Os impactos da Reforma Educacional do Governo FHC na Educação Física brasileira. In CASTELLANI FILHO, L. **Política Educacional e Educação Física**. 2ª Edição. Campinas, SP: Autores Associados, Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, (60), 2002, PP. 3-37.

CASTELLANI FILHO, L. Educação Física Escolar: Temos o que ensinar? Ou Considerações acerca do conhecimento (re) conhecido pela Educação Física Escolar. In CASTELLANI FILHO, L. **Política Educacional e Educação Física**. 2ª Edição. Campinas, SP: Autores Associados, Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, (60), 2002, PP. 39-52.

CASTELLANI FILHO, L.; MORENO CASTELLANI, R. **Os Jogos de minha Escola**. Campinas, SP: Autores Associados, Coleção Educação Física e Esportes, 2009.

⁵⁹ Não houve intenção de deixar de lado esse ou aquele nome. Apenas mencionei aqueles que, a meu juízo, expressam determinado protagonismo em tempos próximos e, assim, representam sobremaneira as novas gerações sobre as quais incorrerão o desafio de enfrentar as agruras que a atual política governamental para o campo da educação vem sinalizando.

CASTELLANI FILHO, L. Inovações pedagógicas e metodológicas na Educação Física Escolar. In CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física, Esporte e Lazer: Reflexões nada aleatórias**. Campinas, SP: Autores Associados, Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, (145), 2013, pp. 29-44.

CASTELLANI FILHO, L. Aos Mestres, com carinho. In CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física, Esporte e Lazer: Reflexões nada aleatórias**. Campinas, SP: Autores Associados, Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, (145), 2013, pp. 99-113.

CASTELLANI FILHO, L. As Concepções de Educação Física no Brasil. In Revista Horizontes - Revista de Educação, Dourados, MS, Universidade Federal da Grande Dourados, Vol. 1, n.2, 2013, pp. 11-31.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil: A história que não se conta**. 26ª reimpressão (1ª Edição: 1988). Campinas, SP: Editora Papyrus, 2017.

CASTELLANI FILHO, L. Prefácio. In MALDONADO, D.; NOGUEIRA, V.; FARIAS, Y. (Orgs). **Educação Física Escolar no Ensino Médio: a prática pedagógica em evidência**. Curitiba, PR: Editora CRV (V.36), 2018, pp.13-16.

CASTELLANI FILHO, L. 40 anos de CBCE: De expressão do “Movimento de Renovação Conservadora” à síntese do “Movimento Renovador (Progressista) da Educação Física/Ciências do Esporte”. In LARA, L.[et al] (orgs.) **Ciências do Esporte, Educação Física e Produção do conhecimento em 40 anos do CBCE – Volume 1: Memória e História do CBCE**. Ijuí, RS: Editora Inijuí, 2019, pp. 65-76.

CASTELLANI FILHO, L. Encontros com Paulo Freire e as Políticas Públicas de Educação física no município de São Paulo. In APARECIDO DE SOUSA, C. [et al] (orgs). **Educação Física Escolar e Paulo Freire: Ações e reflexões em tempos de chumbo**. Curitiba, PR: CRV, 2019, pp. 125-135.

CATUNDA, R. [ET AL]. **Recomendações para a Educação Física Escolar**. Rio de Janeiro, RJ: Confef, 2014.

CONFED. Diretrizes para ações de políticas públicas para Educação Física e Esporte Escolar. In **Revista Nova Escola, Complemento**, São Paulo, SP: Editora Abril, 2009.

DAMASCENO, L. G.. **A Educação Física na formação do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte**. Campinas, SP: Editora Papyrus, 2013.

FREDERICO, C. O Multiculturalismo e a dialética do universal e do particular. In **Revista Estudos Avançados**. São Paulo, SP: IEA/USP, 30 (87), 2016, pp.237-254.

FREITAS, L.C. **A Reforma Empresarial da Educação: Nova Direita, velhas ideias**. São Paulo, SP: Expressão Popular, 2018.

GUIRRA, F.; CASTELLANI FILHO, L. Direita, volver! Forças no Esporte e... na Educação: a militarização da sociedade brasileira em marcha. In ARAÚJO, S. M.[et al] (orgs.) **Ciências do**

Esporte, Educação Física e Produção do conhecimento em 40 anos do CBCE – Volume 8: Políticas Públicas e Movimentos Sociais. Natal, RN: EDUFERN, 2020, pp. 45-59.

HUNGARO, E. M.. A Educação Física e a tentativa de “deixar de mentir: O Projeto de ‘intenção de ruptura’”. In MEDINA, J. P. S. **A Educação Física cuida do corpo... E mente.** 25ª edição, revisada e ampliada. Campinas, SP: Editora Papyrus, 2010, pp. 135-159.

PALAFIX, G. M.. **Educação Física no Brasil: Aspectos Filosófico-pedagógicos subjacentes à Política Nacional em Ciência e Tecnologia para esta área no período 1970-1985.** 1990. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação – Supervisão e Currículo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1990.

SAVIANI, D. [ET AL]. **Filosofia da Educação brasileira.** Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira 1983.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia.** São Paulo, SP: Editora Cortez/Autores Associados, 1983.

SOUZA, J. **A Elite do Atraso. Da escravidão à Lava Jato.** Rio de Janeiro, RJ: Leya, 2017.

VÁRIOS AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física.** 2ª Edição Ampliada, 5ª reimpressão. São Paulo, SP: Editora Cortez, 2017.

Revisão gramatical realizada pelo próprio autor.

RECEBIDO 08 DE MAIO DE 2020.

APROVADO 16 DE JULHO DE 2020.